

**MAUC**

MUSEU DE ARTE DA UFC



# 11 artistas da bahia

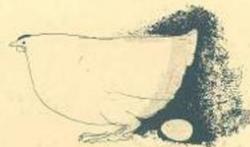
carybé•mário cravo júnior•caíasans neto•fernando coelho  
jenner•juarez paraíso•sante scaldafferri  
carlos bastos•floriano teixeira•emanuel araújo•mirabeau

de 27.11 a 10.12 de 1980

Capa: "Anjo Com Paxorô", desenho de Carlos Bastos. O paxorô é o cajado de Oxalá, o maior dos orixás do candomblé. A criação do artista expressa a perfeição e com muita graça a mistura geral que é a Bahia — da qual ela se orgulha.

Vinheta do mesmo desenhista: pose reverencial de uma yawô (filha-de-santo no candomblé) que, simbolizando a Bahia, aqui homenageia a Universidade Federal do Ceará.

As ilustrações à margem do texto respeitam igualmente o caráter desta mostra de intercâmbio artístico entre Bahia e Ceará: são desenhos reduzidos e detalhes de desenhos de Floriano Teixeira, pintor que após longa vivência em Fortaleza emigrou para Salvador, onde vive. Planejamento e diagramação de James Amado.



## INTERCÂMBIO

**LUÍZ FERNANDO MACEDO COSTA**  
REITOR DA UNIVERSIDADE BAHIA

As universidades refletem e expressam as tendências das regiões a que pertencem. Por essa razão, desde a origem a Universidade Federal da Bahia revelou nítida inclinação para as manifestações artísticas; e esse pendor congênito produziu resultados assinaláveis. Assim, o curso de Dança em nível superior é o único no gênero, no país. A Escola de Belas Artes, nascida há mais de 1 século, foi a segunda, na área, implantada no Brasil. O curso de Teatro influenciou decisivamente as apresentações cênicas dos últimos 20 anos na Bahia, e muitos alunos do passado estão hoje consagrados nos palcos nacionais. As atividades musicais ocupam espaço de destaque na vida cultural do Estado e os professores da Escola já foram, muitas vezes, distinguidos com prêmios prestigiosos. Consolidou-se, pois, ao longo da sua existência, a vocação irrecorrível da instituição tradicional.

Por seu turno, a acuidade sensorial do Magnífico Reitor Paulo Elpídio identificou, bem cedo, aquelas predileções da UFBA e do Estado, e a sua Universidade Federal do Ceará, dotada de sensibilidade simétrica, promove, agora, uma exposição de artistas plásticos baianos, em comemoração aos 25 anos da entidade.

O evento é significativo sob vários ângulos. Os cearenses conhecerão melhor alguns dos mais admiráveis artistas brasileiros. Carybé, Jenner Augusto, Mário Cravo Jr., Emanuel Araújo, Carlos Bastos, Floriano Teixeira, Mirabeau Sampaio, Calazans Neto, Juarez Paraíso, Fernando Coelho, Sante Scaldaferrri, mostram, em suas obras, o feitiço, a beleza, a sensualidade, a magia, a alma mesma da gente baiana, que o talento do artista cria e recria sempre, sob a visão arrebatada da fantasia, ou do sonho, que a cidade transmite e inspira.



Portanto, não se trata, apenas, de uma exposição dos pintores e escultores baianos, pois essa mostra é a própria Bahia que vai para Fortaleza, reproduzida, nas imagens genuínas e humanas, pela delicadeza e perícia de seus filhos amados. Jorge e James, doutos na matéria, em conspiração com Floriano, escolheram, com sabedoria e cuidado, as telas, as gravuras, as peças.

E agora a Universidade Federal do Ceará, amorável e gentil, acolhe esse acervo encantado de beleza, sentimento e arte.

O acontecimento é mais do que uma simples exposição coletiva, pois representa, ainda, a aproximação afetiva e fraterna entre dois expressivos Estados nordestinos, com benefícios culturais recíprocos.

Por tudo isso, a importância da iniciativa não se resume à exposição. Ela é, antes, o ponto de partida, pois outras promoções virão por certo. E em breve, na Bahia, estaremos apreciando os trabalhos dos artistas cearenses, continuadores de Antonio Bandeira, contemporâneos de Aldemir Martins. Retribuiremos, então, o abraço afetuoso com que agora nos estreitam os amigos do Ceará, confirmando que a hospitalidade, simples e amável, é costume secular e nativo da terra e do povo do Nordeste. Assim como a amizade, a beleza, a poesia, a simplicidade, a pureza, a arte. Virtudes humanas e expressões culturais, reunidas aqui, no Ceará, hoje, nesta exposição de tanta gente boa e tanta coisa bonita.





## A CULTURA BAIANA

Jorge Amado

O importante na Bahia é o povo. De uma força vital sem medida, artista de nascença, senhor da gentileza, capaz de superar as piores condições de existência e seguir adiante, amando o riso e a festa, criador de civilização e de cultura, o povo baiano marca e atesta toda a obra da criação aqui realizada.

Ponto de encontro de raças e costumes, primeira capital do país, rica e famosa nos inícios da nação brasileira, porto aberto aos barcos do mundo, às idéias e aos forasteiros, tais condições propiciaram a mestiçagem e o sincretismo cultural (e religioso), a interpenetração de fontes e correntes de pensamento na mistura de sangues — negro, branco, indígena — mistura sempre crescente até tornar-se a característica dominante do panorama social, dando à Bahia uma poderosa cultura popular, evidente nos diversos aspectos da vida do Estado, estuante na Capital. Dela nos alimentamos todos os que aqui criamos literatura e arte.



Mais de uma vez escrevi ser a África o nosso umbigo. Como sensibilidade, maneira de ver a vida e o mundo, forma de reagir aos acontecimentos, de viver e conviver, de pensar e agir, somos pelo menos tão africanos quanto ibéricos. Definitiva foi a contribuição dos negros para a formação de nossa cultura nacional. Apesar das terríveis, monstruosas condições em que a cultura negra se encontrou no Brasil ao desembarcar dos navios negreiros — nas condições de cultura de escravos, vilipendiada, desprezada, combatida à morte, violada, cuja substituição violenta, na base do cacete e do batismo, foi tentada quando os senhores de escravos quiseram impor aos negros, íntegra, a cultura dos colonos, da língua aos deuses.

A força de vida dos negros foi mais forte do que o chicote e a água benta, conseguindo manter viva e permanente, em meio às incríveis condições da escravidão, uma face original, mesclando-a no correr do tempo às duas outras matrizes da nação brasileira, para dar como resultado a originalidade da cultura mestiça do Brasil, única talvez no mundo. Tudo aqui se misturou, as línguas faladas na casa-grande, na senzala e na mata, os santos vindos da Península Ibérica, os orixás chegados da África, as iaras e os caboclos retirados da floresta e dos rios. Mulatos somos, Senhor do Bonfim e Oxalá sejam louvados, amém, axé.

Na Bahia, a cultura popular entra pelos olhos, pelos ouvidos, pela boca (culinária tão rica, colorida e saborosa), penetra sentidos adentro, determina a criação literária e artística, é sua viga mestra. Determina, assim, a condição nacional da literatura e da arte: caráter popular presente mesmo na obra mais refinadamente intelectual.

CARYBÉ

CARYBÉ (Argentina, 1911) Desenhista, gravador, escultor, pintor. Teve infância na Itália, perambulou pelos cinco Continentes, morou no Rio de Janeiro, esteve na Bahia pela primeira vez em 1938 o tempo suficiente para apaixonar-se por ela. Descobriu a sua morada definitiva desde 1950, quando ali voltou ainda a tempo de participar com destaque do grupo de renovadores das artes locais. E tornou-se o mais baiano dos baianos tanto se integrou à vida popular da Cidade. Mal chegado, escreveu sobre ela, com graça e ternura, num livro "Sete Portas da Bahia", em que reuniu os desenhos de tipos e costumes locais, encomenda do educador Anísio Teixeira. Fora de seu atelier somente é encontrável no que ele chamou de "o bojo mágico da Bahia", isto é, aqueles locais onde se

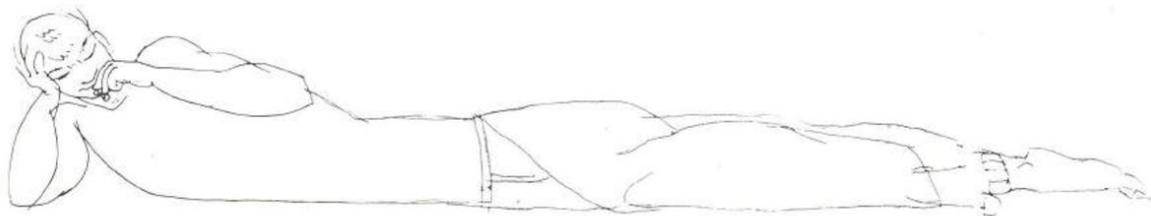
pronuncia mais agudamente a mágica da vida baiana. Seu maior título de artista de largo prestígio e enorme popularidade é o de Presidente da sociedade civil de um dos candomblés mais antigos e respeitados de Salvador: o Axé do Opô Afonjá.

Devolveu generosamente à Bahia o que dela tem tido, enriquecendo a sua cidade com quase uma centena de grandes painéis e murais, alguns dos quais, como as pranchas esculpidas com as figuras dos orixás do culto afro-baiano, estão entre seus trabalhos mais importantes. Tem trabalhado com os materiais mais diversos que explora com preciso conhecimento técnico e grande força criadora. É dos artistas brasileiros mais solicitados pelos colecionadores e goza de reconhecimento unânime da crítica de arte.

Foi jornalista profissional e tem ilustrado inúmeros livros, inclusive as edições brasileiras de Garcia Marques. Duas dezenas de álbuns, exposições por todo o mundo, vários livros sobre sua obra, que faz parte do acervo de museus europeus e americanos e de coleções particulares como a da Rainha da Inglaterra.

"Na linguagem de sua pintura presenciamos uma elaboração, um processo, a sofrida transformação de um artista exigente e grave, na sua errância e transmutação".

Joaquim Cardoso



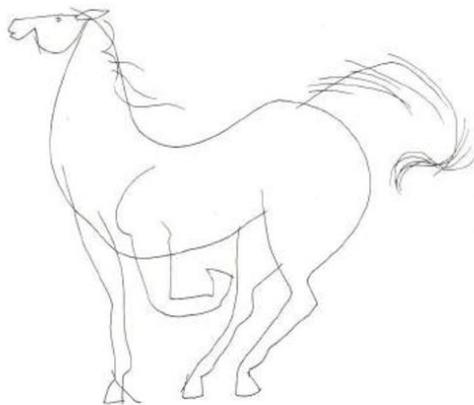
CARLOS BASTOS (Bahia, 1925) foi sua "a primeira mostra de caráter revolucionário nas artes plásticas de Salvador", realizada na Biblioteca Pública da cidade, a 1.º de março de 1947. Em setembro do mesmo ano expõe novamente ali, com Mário Cravo Júnior. Viajou por dois anos aos Estados Unidos e expôs na Norlyst Gallery. Visitantes inconformados cortaram alguns dos quadros que exibiu ao retornar a Salvador, em 1950. Pinta o primeiro dos seus muitos murais, a maioria dos quais em sua cidade. O maior deles, com mais de 160 m<sup>2</sup>, para a Assembleia Legislativa do Estado, perdeu-se em incêndio recente. Dois outros, para uma capela do Parque da Cidade, no Rio de Janeiro, foram vítimas de censura, as obras foram interditas à visitação pública e a capela permanece fechada.

Fez cursos de especialização murais e afrescos, na École des Beaux Arts, e de desenho, na Le Grand Chaumière, da França.

Realizou exposições individuais por todo o Brasil, nos Estados Unidos e na Europa (Paris e Madrid) Participou de mostras coletivas de artistas brasileiros em vários países.

É autor de cenários e costumes para teatro e ballet. Sua obra de desenhista está documentada em vários álbuns, entre os quais "Igrejas, Santos e Anjos da Bahia" (Cultrix, São Paulo, 1965).

Carlos Bastos tem ilustrado grande número de livros, o que lhe tem valido prêmios importantes, como o "Jabutí de Ouro", da Câmara Brasileira do Livro. De Jorge



Amado, ilustrou "Bahia de Todos os Santos". Tem obras nos museus do Hermitage, URSS e Fundação Gulbenkian, Portugal.

"A alma e a atmosfera da Bahia são prisioneiras de seus óleos, idealizados com o mesmo amor e a mesma ternura como se ela não existisse na verdade e a verdadeira Bahia estivesse em sua obra de pintor".

Antônio Celestino

"No que ele produz — seus desenhos, seus quadros, seus murais — é ainda mais visível diante de meus olhos esta Cidade de Todos os Santos.

A cidade onde ele nasceu e à qual está inteiramente ligado, pois dela tira o que a sua produção tem de mais peculiar: o espetáculo barroco das formas, a sensualidade envolvente ajustando-se aos apetites estéticos como os olhares doces das mulheres das ruas baianas ajustam-se ao amor".

E. Di Cavalcanti

# Calasans Neto

CALASANS NETO (Bahia, 1932). Gravador e pintor. Começou sua atividade artística como pintor no atelier de Genaro de Carvalho, outro dos pioneiros da renovação das artes baianas. Logo deixou a pintura pela xilogravura à qual seu temperamento se ajustou naturalmente e que lhe trouxe rápido reconhecimento nacional. Desde algum tempo atrás deixou de tirar cópias de muitas de suas matrizes que entinta como peças únicas originais, obtendo disso resultados muito expressivos.

Participou intensamente do movimento cultural de sua geração ao lado de Glauber Rocha para cujos filmes criou cenários. Foi fundador da revista "Mapa" que deu voz aos jovens intelectuais baianos do final da década de 50, e da editora Macunaima voltada para livros ilustrados de tiragem limitada. Suas gravuras serviram à confecção de grande número de álbuns, alguns dos quais produzidos pelo próprio artista, outros publicados por editoras de São Paulo.

Instado por frequentes solicitações, Calasans Neto tem exposto seu trabalho nos maiores centros urbanos brasileiros e na França, Espanha, Suíça, Inglaterra e Estados Unidos. Pela terceira vez obras suas são mostradas ao público português. Suas gravuras figuram em várias coleções particulares e nos museus brasileiros e de países europeus e americanos. Fez capas e ilustrações para dezenas de livros de ficção e poesia e suas gravuras iluminam dois dos romances de Jorge Amado: "Tereza Batista, Cansada de Guerra" e "Tieta do Agreste, Pastora de Cabras".

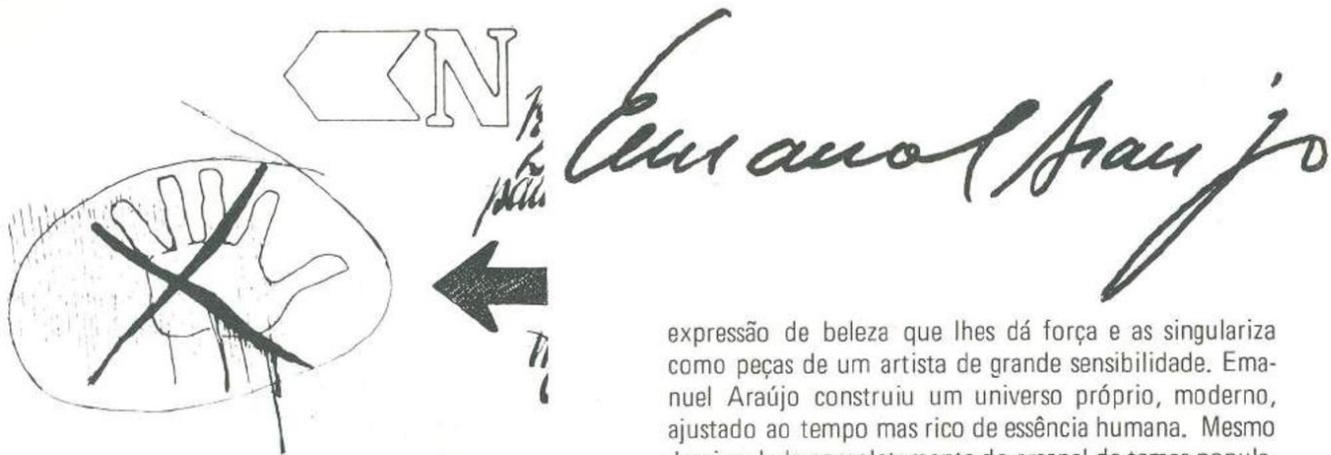


"Da crueza e aparente ingenuidade das suas xilogravuras — como se tentasse encontrar a raiz popular da gravura — não estão nunca alheios o trabalho consciente e intencional do verdadeiro artista e a poesia que irradia a cada passo dos seus desenhos. Ele identifica-se com o povo, dignificando-o em força e em beleza".

Rogério de Freitas

"Descobriu que suas matrizes para a xilogravura eram objetos plásticos suficientes, realizados equivalentes de talha e pintura, e se dedicou a trabalhá-las com tremenda valorização de detalhes e incidências impraticáveis em qualquer outra técnica".

Clarival do Prado Valadares



EMANUEL ARAÚJO (Bahia, 1940). Gravador e escultor. Estudou com Henrique Osvald e fez sua primeira individual em 1960. Desde então suas gravuras se tornaram conhecidas no país e em boa parte do mundo: das mostras individuais nas melhores galerias de todas as capitais do país, a arte do moço baiano passou à Itália e Espanha, Estados Unidos e Japão. Até poucos anos atrás dedicado à xilogravura, campo que explorou com um empenho muito pessoal, pesquisando suas próprias soluções, trabalhando desde cedo com as cores, refletindo, inicialmente, o sensualismo baiano em formas muito refinadas, passando por toda uma série de fases que marcaram o caminho do figurativismo para a liberdade da abstração até chegar à necessidade de incorporar o relevo à gravura plana, saltando para a etapa atual de sua gravura, de um despojamento muito grande, realizada em formas geométricas. Com elas o artista responde à sua avidez de apuro técnico e artístico buscando uma economia de meios capaz de expressar, no nível que ele pretende, sem quaisquer limitações ostensivas, com austeridade de linhas, a

expressão de beleza que lhes dá força e as singulariza como peças de um artista de grande sensibilidade. Emanuel Araújo construiu um universo próprio, moderno, ajustado ao tempo mas rico de essência humana. Mesmo desvinculado completamente do arsenal de temas populares, que já freqüentou criticamente, Emanuel Araújo resguarda em sua arte as raízes baianas, cor e calor por sob a forma despida e sintética.

Desde alguns anos atrás, o artista voltou-se para a escultura, passo que as experiências com o relevo na gravura já indicavam. Neste terreno tem ele se exercitado febrilmente: criou peças de grande porte, verdadeiros murais de técnica mixta, justapondo cimento, madeira e metal, em largas composições, e também peças isoladas, verticais, pintadas, ricas de sugestão e movimento. Em todo o seu trabalho ressalta a permanente insatisfação do artista com os resultados já obtidos, seu empenho constante para tornar ainda mais penetrante a linguagem pessoal que dá forma e personaliza tão nitidamente suas criações.

Enquanto realiza suas gravuras e esculturas, Emanuel Araújo dedica-se à criação de livros. É uma de suas paixões mais permanentes e esta sua atividade, conhecida e louvada em todo o país, permitiu o lançamento de alguns dos livros e álbuns mais valiosos da editoração especializada brasileira.



FERNANDO COELHO (Bahia, 1939). Desenhista, pintor, escultor. Um dos artistas que saíram do cadinho fértil da publicidade, Fernando Coelho conquistou rapidamente o reconhecimento nacional através de uma série de mostras individuais nos principais centros artísticos do país. Seu itinerário, na pintura a princípio, depois no desenho e finalmente na escultura, diz bem da sua permanente inquietação, de seu espírito de pesquisa e da preocupação constante com a busca e a construção de uma linguagem própria. Menos atento à raiz popular do que a maioria dos seus companheiros baianos, Fernando Coelho trata uma temática que reflete sua cosmovisão dos problemas mais candentes da atualidade, cuja essência ele procura, com meios próprios, fixar e transmitir.

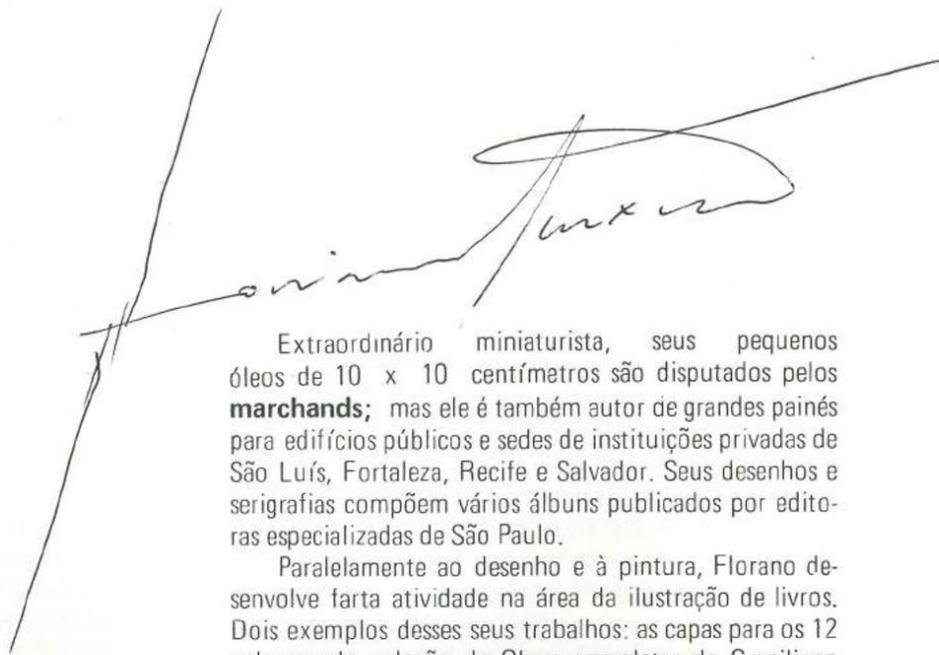
De seu desenho, de grande apuro técnico, disse o crítico Clarival do Prado Valadares, em álbum publicado em 1978: "Poderíamos indicar como sua maior qualidade o atributo da espacialidade, ocupado e descrito pela própria figura. Nenhum outro objeto, senão a própria figura, se encarrega de estabelecer com nitidez o espaço, o plano e a forma. O fenômeno gravitatório está negado, ou ironizado. A relação entre uma figura e outra não depende de indicação lógica, ou física, porém da arbitrariedade que o autor impôs, em sua fantasia. O grotesco e o picaresco são explorados às últimas consequências, mas sem fugir do compromisso de serem, antes de qualquer denotação, apenas desenho".

Sobre a pintura de Fernando Coelho escreveu o crítico Jacob Klintonowicz, tratando da exposição individual do artista em 1979, em São Paulo: "Os seus assuntos, os signos desta pintura, são os terrenos, os cotidianos, os homens e o seu malabarismo num universo social que discute coisas tão disparatadas quanto a sociedade pós-industrial e o flagelo da fome; o terrorismo e o fim das ideologias; a liberdade individual e a manipulação genética; o destino individual e a comunicação de massas . . . O trabalho de Fernando Coelho é o sonho do artista e a metáfora do homem e do ato criador. Os seus símbolos expressam, antes que uma referência concreta da realidade, o estado anímico e a sensação que o artista tem da vida. A observação exterior é transformada em emoção e gesto, uma sensação íntima e mágica. A pintura de Fernando Coelho chega a uma afirmação: o destino do homem é a transcendência".





FLORIANO TEIXEIRA (Maranhão, 1923). Desenhista e pintor. Começou sua vida de artista em São Luís onde fundou, com o poeta Ferreira Gullar e outros intelectuais, o Núcleo Eliseu Visconti. Transferiu-se para Fortaleza e ali participou do grupo de modernos escritores e artistas cearenses. Com Antônio Bandeira criou o Grupo dos Independentes. Desenvolveu seu desenho e durante algum tempo ilustrou um diário local com gravuras em madeira. Pintou, então, seu primeiro mural, sobre tema da vida rural nordestina. Organizado o Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará, Floriano foi seu primeiro Diretor. Em 1963, transferiu-se para Salvador, onde vive até hoje. Sua arte conquistou renome nacional e Floriano é reconhecido pela crítica como um dos maiores desenhistas brasileiros.



Extraordinário miniaturista, seus pequenos óleos de 10 x 10 centímetros são disputados pelos **marchands**; mas ele é também autor de grandes painéis para edifícios públicos e sedes de instituições privadas de São Luís, Fortaleza, Recife e Salvador. Seus desenhos e serigrafias compõem vários álbuns publicados por editoras especializadas de São Paulo.

Paralelamente ao desenho e à pintura, Floriano desenvolve farta atividade na área da ilustração de livros. Dois exemplos desses seus trabalhos: as capas para os 12 volumes de coleção de Obras completas de Graciliano Ramos e os desenhos para "Dona Flor" e "A Morte e a Morte de Quincas Berro d'água" (jogos diferentes para as edições populares e de luxo), de Jorge Amado. Floriano tem desenhos e óleos em museus e coleções particulares do Brasil e do Exterior. Realiza freqüentes mostras individuais por todo o país e suas obras têm sido expostas na Europa e na América.

"Algo de monge medieval, ou de persa, anda por dentro de Floriano; nos óleos, em geral de grandes planos e pinceladas largas; de repente, numa janela, numa porta ou num portaló vê-se uma cena detalhadíssima, verdadeira miniatura, contando vida do povo, sempre com uma carga de poesia, uma alegria de cores e outra alegria: a de inventar meios de expressão, de dar mais e sempre mais, o que o leva a pesquisar constantemente".

Carybé

*Casebres à flor da água  
balançam  
no silêncio  
o sonho de viver  
o sonho de morrer*

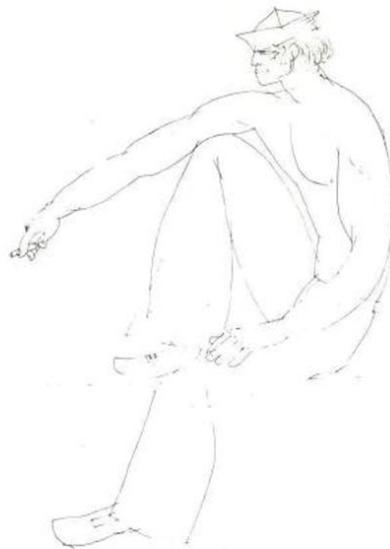
*Jenner Augusto sob o céu de chumbo  
sob o céu violeta  
lê o horóscopo das criaturas  
que nos alagados  
morrem sem viver.*

*Carlos Drummond de Andrade*

# Jenner

JENNER (Sergipe, 1924). Desenhista e pintor. Viveu infância e adolescência nas pequenas cidades sergipanas onde sua mãe, professora pública, lecionou. A família fixou-se finalmente em Aracaju e ali Jenner iniciou, na década de 40, sua vida de artista. Organizou sua primeira mostra individual e pintou seu primeiro painel, para um restaurante. Transferiu-se para Salvador e já em 1949 integrava o grupo pioneiro da atualização das artes baianas.

Considerado dos melhores pintores brasileiros de todos os tempos, Jenner conta com um público fiel e numeroso em todo o país, ao ponto de ter consentido em fazer, somente neste ano, três exposições individuais (Belo Horizonte, São Paulo e Salvador). Seu trabalho, fruto de pesquisa paciente e metódica, marca-se, nas diversas fases, por um extraordinário apuro de realização que contém um fino sentido poético da realidade de sua terra. Quando completou 50 anos de idade, uma retrospectiva de sua obra foi mostrada no Museu de Arte Moderna do Rio e no de São Paulo. O apelo de sua pintura é tão sensível que um sem número de jovens artistas se iniciam pela imitação do seu trabalho.



Jenner expôs várias vezes fora do Brasil, notadamente em individuais na França e na Bélgica, tendo participado de coletivas de artistas brasileiros na Espanha, Itália e Estados Unidos. Sua fortuna crítica compreende vários álbuns e livros sobre sua arte. Tem quadros nos principais museus europeus e americanos e em importantes coleções particulares.

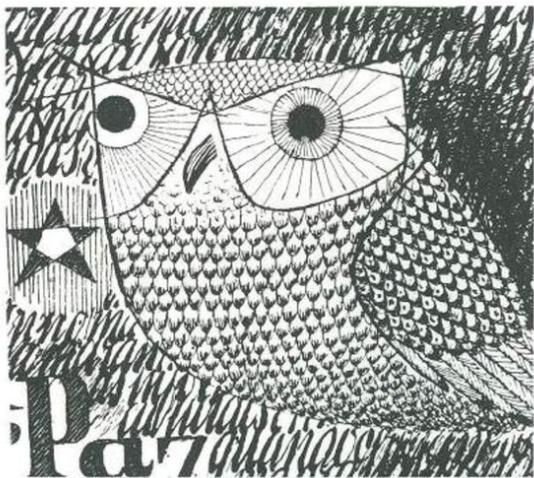
“Na minha opinião, hoje, no Brasil, ninguém pinta marinhas e céus mais belos. Vivo repetindo que sou pintor frustrado. Se me perguntassem como quem eu gostaria de pintar, responderia sem hesitações: como Jenner”.

Érico Veríssimo



“As minhas formas mais puras, mais despojadas, têm relação com o mundo orgânico. São núcleos, formas germinantes, óvulos ou ovulação, crescimento, etc., todos eles termos essencialmente figurativos, embora não apresentados por forma humana ou animal. Estou preocupado em sintetizar estruturalmente, economicamente, o universo baiano, em princípio”.

Mário Cravo Júnior



MÁRIO CRAVO JUNIOR (Bahia, 1923). Escultor, gravador e desenhista. Um dos pioneiros da modernização das artes baianas, foi o líder indiscutido do movimento. Sua oficina de trabalho no esqueleto de um edifício inacabado, serviu de núcleo principal de trabalho do grupo renovador. Sua capacidade de liderança, servida por uma base ampla de conhecimento e um dinamismo impressionante, atraiu muitos jovens artistas que por sua mão se desenvolveram e conquistaram prestígio não pequeno.

Autodidata ao início de seu trabalho artístico, frequentou a oficina do artesão Pedro Ferreira, o Pedro Santeiro, seu primeiro mestre de escultura e de temática baiana. Após as primeiras exposições de seus trabalhos, que scandalizaram o público afeito às fórmulas acadêmicas, Mário Cravo viajou aos Estados Unidos onde estudou com o escultor Mestrovic. De volta à Bahia entregou-se a uma atividade ininterrupta, altamente criativa, trabalhando com materiais diversos: madeira, pedra-sabão, ferro, aço, cobre, latão, chumbo martelado e resinas petroquímicas. Viveu e estudou durante um ano na República Federal da Alemanha.

No Brasil, participou das mais significativas mostras coletivas de escultura sendo detentor dos prêmios de maior importância, conquistando amplo reconhecimento crítico. Fora do Brasil, participou do Salão de Maio, em Paris, duas vezes da Bienal de Veneza e de mostra de arte brasileira em Madrid e Roma. Realizou exposições individuais em Washington e New York. Tem obras no Museu de Arte Moderna desta última cidade norte-americana e em museus e coleções particulares da Europa. É professor na Universidade Federal da Bahia e ditou conferências em universidades dos Estados Unidos.

*Nobre Cavaleiro do Reino Colorido Senhor  
de Mil Cores.*

*Santeiro da Ordem do Cabeça*

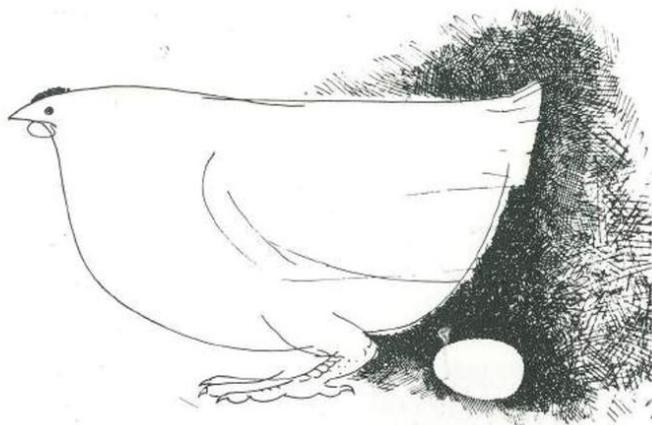
*Mestre do Ouro sobre Azul — céu da Bahia.*

*Artêsão da Madeira, fazedor de ibejes e  
santos.*

*Coração do tamanho do Recôncavo  
se espraiando pelo mundo da amizade,  
seu Sinete.*

*Do bem-querer seu Brasão é  
para os amigos: de um tudo;  
para os inimigos: JUSTIÇA*

Aldemir Martins



Mirabeau

*“Este Exu santeiro vive rodeado de anjos,  
arcanjos e santos. Passa a vida olhando, manu-  
seando, amando as belíssimas imagens de sua  
coleção. Centenas de olhos de vidro ou de  
madeira pintada vigiam seu trabalho, esprei-  
tam, gozam o bom rumo de uma linha ou a  
conta de chegar de uma cor vibrante”.*

*É nesse ambiente inquietante que nascem  
seus quadros de santos de formas nada místicas,  
barroconas e exuberantes como flores de heli-  
conia. Seu atelier e santaria, estão sob um  
enorme pé de Rôco de vasta sombra e magia,  
onde pousam os pássaros que pinta. As flores e  
peixes moram, por incrível que pareça, dentro  
dele.*

Carybé

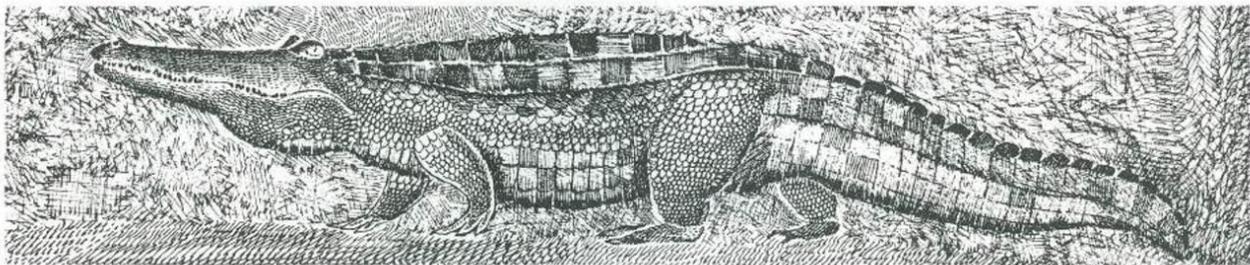
MIRABEAU (Bahia, 1911). Escultor e pintor. Doutor em Medicina, dono de rede de lojas, personagem de vários romances famosos, José Mirabeau Sampaio é autodidata nas artes que pratica; mas foi este o campo mais propício à aplicação de seus vários talentos no exercício dos quais conquistou renome nacional. Após vários prêmios ganhos por suas esculturas e de ter freqüentado até o surrealismo, em suas pesquisas, encaminhou-se definitivamente para a pintura. Nela busca uma expressão tranqüila, uma feição clássica que se imprime nos seus temas preferidos, dentre estes as figuras de santas em pose de altar. Grande conhecedor da escultura religiosa e popular do período colonial, da qual possui grande coleção, Mirabeau constroi suas santas menos com um espírito religioso e muito mais com a tranqüila paixão pelas formas harmoniosas que os artesãos baianos dos séculos XVII e XVIII lhes deram. Trabalha geralmente com tinta acrílica sobre laminado de ouro, do que obtém efeitos surpreendentes

# Sante Scaldaferrri

SANTE SCALDAFERRI (Bahia, 1928). Pintor. Fez o curso da Escola de Belas Artes de Salvador (1957) e dela foi Assistente de Ensino na cadeira de Anatomia Artística. Tem o curso livre de gravura, feito com Mário Cravo. Com Gianni Rato cursou Cenografia na Escola de Teatro da UFBA. Foi assessor do Museu de Arte Moderna e do Museu de Arte Popular da Bahia. Planejou e implantou os centros de formação artesanal do SESI, SESC e da Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia, na área tombada do Pelourinho. Sua pintura, arte erudita sobre raiz popular folclórica, reflete o drama e a tragédia

do povo dos sertões nordestinos. "Sante Scaldaferrri faz pintura de hoje dentro da problemática real de um mundo desassistido de amor e de fraternidade. Faz pintura para reclamar paz e justiça, fraternidade e amor", disse dele o escritor e monge beneditino cearense, Dom Jerônimo de Sá Cavalcanti.

Participou de inúmeras coletivas de artistas brasileiros, inclusive no Exterior, tendo obtido prêmios importantes. Além da pintura de cavalete, realiza também murais. Os mais recentes estão na agência Iguatemi do Banco do Estado da Bahia e no Centro Administrativo da Bahia. Dedicase ainda ao teatro, para o qual tem feito cenários, e ao cinema, participando como ator em vários filmes notadamente os de Glauber Rocha. De sua fortuna crítica consta, entre outros, o livro "A Cultura Popular na Pintura de Sante Scaldaferrri". Seus quadros figuram em vários museus.



*"Parece-me que, por suas características especiais, a pintura de Sante Scaldaferrri é a melhor presença da cultura popular numa arte maior, nascida da condição mística de nosso povo, em função da qual existe, retrabalhada, sem se desvincular da fonte que a originou".*

Valentim Calderón

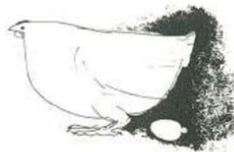
*"Há nos quadros de Sante um exagero facial, como se fossem feitos para documentar o desencanto da undécima hora. Mas a sua seriedade nos atinge. Da sua gravidade vão viver esses trabalhos, mesmo aqueles aos quais uma cor mais violenta pode parecer que empresta alegria, quando se trata de um grito a mais".*

Antônio Celestino



## ONZE ARTISTAS DA BAHIA

CARYBÉ	Xilogravuras
CALASANS NETO	Óleos e Monotipias
CARLOS BASTOS	Óleos e Desenhos
EMANUEL ARAÚJO	Xilogravuras
FERNANDO COELHO	Óleos e Desenhos
FLORIANO TEIXEIRA	Pastéis
JENNER	Óleos
JUAREZ PARAISO	Pastéis
MÁRIO CRAVO JÚNIOR	Desenhos (estudos para esculturas)
MIRABEAU	Tinta Acrílica sobre Laminado de ouro
SANTE SCALDAFERRI	Óleos





Composto e Impresso  
na Imprensa Universitária  
da Universidade Federal do Ceará

Arte Final  
Buğ Amonh



UFBA – UFC



MUSEU DE ARTE DA UFC

